



## ELEIÇÕES

# As pontas soltas de Bolsonaro em 2022

Com as pesquisas eleitorais prevendo derrota ainda no primeiro turno, desavenças com o Judiciário e com o Legislativo e um quadro econômico de avanço veloz da pobreza extrema, presidente tem um horizonte de problemas para a reeleição

» JORGE VASCONCELLOS  
» INGRID SOARES

O presidente Jair Bolsonaro deu um passo importante no projeto de reeleição ao ingressar no Partido Liberal (PL), uma sigla com ramificações pelo país, caixa forte e estrutura política adequada para o tamanho da disputa. Daqui em diante, o principal desafio do mandatário será demonstrar que merece a confiança do eleitor para exercer um novo mandato no Planalto. A caminhada, porém, não será nada fácil, com adversários competitivos, poucos resultados governamentais a mostrar e um quadro econômico e social cada vez mais deteriorado.

A pouco menos de um ano das eleições de outubro de 2022, o presidente amarga os piores índices de popularidade desde que tomou posse — entre 20% e 23%, dependendo do instituto que realiza a pesquisa, perdendo apoio entre grupos importantes, como evangélicos. Isso, ao mesmo tempo em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) segue como favorito na preferência do eleitorado, e o ex-juiz e ex-ministro da Justiça Sergio Moro (Podemos) tem sido visto como uma ameaça à ida de Bolsonaro ao segundo turno do pleito.

Para quem acompanha o atual cenário político, porém, ainda é muito cedo para dizer que o presidente chegará enfraquecido no pleito, já que contará com os palanques do PL nos estados, o apoio de outros partidos do centrão e, o mais importante, o controle da máquina pública. Mas, permanentemente, Bolsonaro vem deixando pontas soltas que podem prejudicá-lo na campanha.

### Dificuldades

A mais recente foi a confissão que fez, em um evento na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na última quarta-feira, de que interferiu na administração do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para favorecer o empresário Luciano Hang, que o apóia — **leia mais na página 6**. Além disso, a inabilidade na articulação política dentro do Congresso tem tudo para trazer problemas a longo prazo.

Tal como a saída de Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE) da liderança do governo no Senado. Postulante à vaga no Tribunal de Contas da União (TCU), foi abandonado pelo Palácio do Planalto com poucos votos — e viu o senador Antonio Anastasia (PSD-MG) levar a vaga, com 52 votos, em eficiente articulação feita pelo senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), provável adversário de Bolsonaro nas urnas.

Na corrida eleitoral, o presidente tem um flanco aberto que, certamente, será explorado pelos rivais: a animosidade com o Supremo Tribunal Federal (STF). Também na semana passada, Bolsonaro voltou a colidir com os ministros da Corte — dessa vez, porém, não foi com seus alvos preferenciais, Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso. Classificou Edson Fachin como “trotskista e leninista” — aliás, correntes do antigo comunismo soviético que entraram em confronto — por ter votado pela atualização do novo marco temporal de

Isac Nóbrega/PR



Apesar de poder fazer uma campanha mais rica que a de 2018, presidente terá de responder pela política econômica errante, que na pandemia aprofundou a desigualdade social



**Mais que 'eleitores', teremos 'rejeitores', que pensarão mais em derrotar um candidato do que eleger o seu preferido"**

Melillo Denis, analista político

demarcação de terras indígenas.

Se a nova crítica excitou a fiel base bolsonarista, a resposta institucional veio no mesmo diapasão. A menção a Fachin fez com que o ministro Luiz Fux, presidente do STF, mandasse um duro recado ao presidente, na última sexta-feira, no fechamento do ano para o Poder Judiciário. “Ao longo do último ano, esta Suprema Corte e o Poder Judiciário como um todo enfrentaram ameaças retóricas, que foram combatidas com a união e a coesão de seus ministros, e ameaças reais, enfrentadas com posições firmes e decisões corajosas desta Corte. Acima de tudo, o ano de 2021 demonstrou que o Supremo Tribunal Federal não consiste em ‘onze ilhas’, como alguns insistem em dizer”, destacou.

O analista político do portal Inteligência Política, Melillo Dinis, não acredita em uma vitória em primeiro turno de nenhum dos candidatos nas eleições presidenciais de 2022. “Mais que ‘eleitores’, teremos ‘rejeitores’, que pensarão mais em derrotar um candidato do que eleger o seu preferido. Vai depender também dos demais concorrentes, especialmente da trinca que

forma hoje o núcleo das terceiras vias: (Sergio) Moro, Ciro (Gomes) e (João) Doria”, observa.

### Legados

Danilo Moraes dos Santos, professor da pós-graduação do Ibmec-DF, ressalta que uma candidatura presidencial custa caro e que Bolsonaro terá que achar outras fontes de custeio para sua candidatura, já que uma parcela significativa dos recursos partidários do PL serão destacados para as campanhas ao Legislativo. Além disso, para ele, a disputa de 2022 será entre legados, já que os dois candidatos favoritos já ocuparam ou ocupam a presidência.

“Lula e Bolsonaro se viram às voltas com escândalos de corrupção e esse tema tende a não ter a força que teve em 2018. De um lado, o governo Lula, com redução da pobreza e o aumento do bem-estar a reboque do crescimento econômico. De outro, o descalabro econômico, fiscal, sanitário e humano do atual governo. A eleição se resolve pelo eleitor mediano, que é pragmático: na disputa entre esses legados, a inclinação é francamente favorável a Lula”, salienta.

## Fome no centro da discussão

No momento, o presidente Jair Bolsonaro tem a mão o Auxílio Brasil, substituído do Bolsa Família, como a principal vitrine social do governo. O novo programa social, que pagará um benefício de R\$ 400, é lançado no momento em que os reflexos econômicos da pandemia do novo coronavírus ficam cada vez mais evidentes, com a inflação acima de 10%, os juros subindo, o desemprego insistente e o aumento da pobreza, que tem feito 19 milhões de brasileiros passarem fome.

Essa situação começou a ser explorada pelos adversários do presidente e tem tudo para crescer nos debates eleitorais, sobretudo se o país mergulhar na recessão. A primeira a chamar a atenção para isso foi a senadora Simone Tebet (MS), pré-candidata do MDB à Presidência da República. Ao se lançar para a corrida eleitoral, ela foi clara:

“Essa missão tem um clamor. Tem o clamor da urgência. Porque o nosso povo, o povo brasileiro está morrendo de fome. Depois de centenas de milhares de brasileiros terem morrido por uma saúde pública omíscia, insensível e negacionista, enquanto, nos lares, faltam cidadãos brasileiros, nas ruas, nós temos o cenário da indigência total”, destacou.

Para Raquel Borsoi, analista de risco político da Dharma Politics, a capacidade de Bolsonaro de atrair o apoio de mais



**Qual é a grande vantagem que o Bolsonaro tem se comparado a 2018? Ele tem mais recursos. A máquina do governo certamente vai funcionar a seu favor"**

Guilherme Casarões, cientista político

eleitores “ainda é uma incógnita”. “O presidente aposta em uma lógica de que, para além das estruturas de campanha baseadas na internet, o Planalto se esforça em consolidar um apoio do *mainstream* político. Nesses termos, PL, PP, além de possivelmente o Republicanos e outros partidos do Centrão, darão a força de palanques estaduais que Bolsonaro não possui”, diz Raquel, para, em seguida, fazer um alerta: “O que se sabe é que o presidente, apesar do momento de fragilidade, possui controle da máquina pública e do orçamento. É isso, por si, dá a ele protagonismo”, mesmo tendo perdido 40% dos eleitores que o levaram ao Planalto.

### Diálogo com a base

A analista também destaca que Bolsonaro, possivelmente, reforçará o diálogo com sua base de apoio, insistindo em alguns elementos que o levaram ao poder em 2018.

Já para Guilherme Casarões, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), há chances reais de Bolsonaro não se reeleger em 2022, sobretudo em razão do perfil dos principais adversários. “Sem dúvida, Bolsonaro tem dois adversários muito fortes para 2022, que são o ex-presidente Lula e o ex-ministro Sergio Moro”, observa.

Para Casarões, ambos ameaçam a candidatura bolsonarista, mas por razões diferentes. “Bolsonaro e Lula quase disputaram em 2018, não fosse a prisão do petista, e Moro é uma figura que ocupa um espaço dentro da direita que acaba tirando votos do Bolsonaro, acaba enfraquecendo a candidatura ou pelo menos parte dos seus argumentos. Então, não será uma tarefa fácil”, salienta.

O cientista político acredita, ainda, que, como em outras campanhas à reeleição, a máquina pública será colocada para trabalhar a favor do presidente. “Qual é a grande vantagem que o Bolsonaro tem se comparado a 2018? Ele tem mais recursos. A máquina do governo certamente vai funcionar a seu favor, e isso, como a gente sabe, no caso brasileiro, é um elemento decisivo”, explica. (JV e IS)